ALAMBIQUE

#1 | '07

TRANSGÉNICOS_PS. 3, 4, 5

GUERRA E INFORMAÇÃO_PGS. 6, 7, 8

25 DE ABRIL_PGS. 13, 14

ALAMBIQUE

Alambique, s.m. [do ár. 'anbiq] –
1. Aparelho próprio para realizar destilações –
2. Fig. Aquilo que serve para apurar ou aprimorar

Depois de alguns meses em fermentação o ALAMBIQUE começa a destilar.

Esta é uma publicação que surge do projecto anarquista Centro de Cultura Anarquista (CCA) Gonçalves Correia, que se movimenta entre Aljustrel, Ferreira do Alentejo e Castro Verde e restante Baixo Alentejo. Já em 2003 o CCA de Ferreira do Alentejo juntara na difusão do pensamento libertário diversos companheir@s da região. De há um ano para cá, ressurge o CCA, agora denominado Gonçalves Correia (em nome da mais renomeada herança anarquista da zona), junto do Club Aljustrelense, espaço que periodicamente abre portas às nossas iniciativas.

Os objectivos: estreitar as afinidades libertárias e procurar divulgar através de várias iniciativas públicas diversas questões e problemas que combatam a apatia, o medo e o conformismo que nos sufoca. Dar viva voz ao protesto.

O ALAMBIQUE surge depois de um ano de actividades no Clube, onde o projecto assentou arraiais. A necessidade de dar a conhecer o que fazemos, de sair portas fora tornou-se ao longo deste tempo algo imperativo. Não apenas com vista a um alcance maior, mas para quebrar com a passividade de nos fecharmos num getho, numa tribo, com os mesmos de sempre. Nesse sentido o Club Aljustrelense só por si, é isso mesmo: um clube. E o nosso projecto pese querer contribuir sobremaneira para a sua dinamização, nunca pretendeu encerrar-se na dinâmica fechada de um espaço que tem a sua vida própria com as suas virtudes e os seus defeitos.

Nesta nossa (des)construção afirmamos não apenas a crítica ao insaciável capitalismo e autoritarismo que nos rodeia. Queremos também, informal e livremente, que a nossa festa e o nosso companheirismo não seja a alienação que nos querem impor, mas a revolta com que queremos aprender a viver.
Outubro 2007

goncalvescorreia.blogspot.com
Apartado 76 – 7600 Aljustrel
cca.alambique@gmail.com

TRANSGÉNICOS

ricardo l. morales

Uma das lutas mais urgentes que urge hoje travar no mundo rural resulta no combate às culturas geneticamente modificadas. E porquê? Porque o perigo rodeia-nos cada vez mais. Porque sabemos que não há deliberadamente informação pública do que realmente são estas novas plantas e que possíveis vantagens ou consequências sociais, económicas e ecológicas possam dai advir. Veja-se a fragilidade dos sistemas produtivos da nossa região e a dependência das explorações do sistema financeiro e factores de produção exteriores e são inúmeras as questões que se colocam: o que são realmente os transgénicos? O que é e como funciona o sistema de patentes? Que compromissos estão implícitos ao agricultor? Que riscos ambientais acarreta? Quais as vantagens e as desvantagens para o agricultor e para o consumidor? Ou por fim, entre outras tantas questões, são os transgénicos a resposta à crise agrícola nacional?

Daí termos perguntado ao Fernando, actualmente por Aljezur, e que participa na Colher Para Semear, Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais, quais os argumentos principais para rejeitarmos os transgénicos?

- Os trangénicos a meu ver são das piores ameaças que a agricultura o meio ambiente e os humanos como fazendo parte desse meio, estão actualmente a enfrentar, porque são absolutamente imprevisíveis! Ao libertarmos Organismos Geneticamente Modificados na Natureza estamos a por em risco todo o ecosistema, visto que o cruzamento com espécies não transgénicas e mesmo selvagens tem elevadas probabilidades de acontecer (centenas de casos no continente americano o provam! o estado de desgraça é tal que nos EUA já nenhum produtor de soja pode afirmar que a sua produção está livre de contaminação transgénica). A contaminação genética é uma realidade! O caso do milho é flagrante, visto que é uma planta que se cruza facilmente. Por exemplo um milho típico do Alentejo pode se cruzar muito facilmente com um milho geneticamente modificado, se as condições ambientais, vento e insectos polinizadores, assim o favorecerem (que é a coisa mais fácil de acontecer!), independentemente de distâncias de segurança estabelecidas por um qualquer ministro da agricultura, sentado na sua cadeira em Lisboa ou em Bruxelas. Esses mesmos ministros que muito recentemente aprovaram a lei que permite a contaminação por OGM na agricultura biológica!!! Ou seja agora já nem os produtos ditos biológicos estão livres da presença de transgénicos, até 0,9% de OGMs é o limite estabelecido! Com esta decisão igualmente perdemos o direito de escolha como consumidores de adquirir produtos isentos de ogms. O que muito claramente vem provar

que este assunto lhes está completamente a sair do controle.

Os transgénicos representam um risco enorme e completamente desnecessário, não só a nível ambiental mas igualmente para a saúde humana e animal, vários estudos laboratoriais tem mostrado claras evidências que os transgénicos causam problemas de saúde e até causam morte (estudos realizados em cobaias). Como muitos outros produtos provenientes de multinacionais, os estudos são comprados, incompletos e até falseados. Uma coisa é clara, os transgénicos só irão beneficiar um punhado de multinacionais que detêm a patente sobre 91% do mercado mundial de OGMs (sementes e agroquímicos).

Assim sendo, qual o ponto da situação dos OGM actualmente em Portugal e concretamente no Alentejo?

Portugal vai lançado na corrida aos transgénicos. Apesar de já 27 localidades (freguesias e municípios) se terem declarado zonas livres de transgénicos o Ministério da Agricultura continua a fazer a vénia às multinacionais da biotecnologia. Em 2006 foram cultivados 1000ha de milho transgénico, com destino a rações animais. A situação no Alentejo não está melhor. Moura, Odemira e Mértola já se declararam zonas livres de transgénicos, embora Odemira seja a zona do pais onde se verificou a maior área de cultivo de ogms. A 12 de Junho, o ministro da agricultura português, também votou a favor da contaminação da agricultura biológica.

ricardo l. morales

Mas existe resistência! Desde 2004 que a Plataforma Transgénicos Fora do Prato (que agora mudou o nome para Plataforma Transgénicos Fora), integrada por 8 entidades está a desenvolver esforços a vários níveis para conseguir que aos poucos todo o país proíba o cultivo de plantas transgénicas. Para isso arrancaram com o programa das Zonas Livres de Transgenicos, e logo a 9 de Agosto de 2004 os dezasseis concelhos da Associação de Municípios do Algarve declarou formalmente e por unanimidade o seu propósito de manter o Algarve livre de culturas transgénicas enquanto a sua inocuidade não for cientificamente demonstrada. Desde então a PTF tem contactado activamente com as mais diversas entidades, nacionais e internacionais, envolvidas com os transgénicos, biodiversidade e segurança alimentar, realizam palestras, publicaram um livro "Alimentos Transgénicos: um guia para consumidores cautelosos" pela mão da Prof. Margarida Silva, na colecção Campus do Saber editado pela Universidade Catolica Portuguesa, lançaram panfletos informativos, realizam sessões de esclarecimento, participam em feiras e debates, tem protestado em diversos locais como no IV Congresso Nacional do Milho, Assembleia da Republica, Ministério da Agricultura, fizeram uma invasão a uma conferencia pro-OGM, promovem workshops de formação sobre transgénicos para activistas, realizaram a primeira "caravana dos espantalhos" contra os transgénicos que passou por Alcochete, Cadaval e Rio Maior. A resistência a livre proliferação de

transgénicos e aos tentáculos maquiavélicos das multinacionais da biotecnologia tem-se mostrado, mas muito mais poderia ser feito se as pessoas se mobilizassem mais por estas causas. A Plataforma (www.stopogm.net) necessita do teu apoio, junta-te à resistência contra os transgénicos e as multinacionais da biotecnologia!

E como podemos nós saber ao entrar num supermercado quais os produtos transgénicos, existe alguma lista de marcas ou coisa do género?

Em teoria os produtos têm por lei de vir rotulados dizendo que contêm ingredientes transgénicos, se existe algum controle sobre essa lei, isso é outro tema. Até agora onde se encontra ingredientes transgénicos é nos óleos de fritura óleo de soja geneticamente modificada. Algumas marcas: Olisoja, Friji, Serrata, Olimambo, Vegê/Sovena, Finólio, Pima, Pôr do Sol, Valouro e também na Lecitina de soja, Prodinat.

O mais certo é todos nós comermos transgénicos diariamente quando comemos fora de casa, seja em bolos, biscoitos ou numa série de outros produtos que contêm lecitina de soja ou óleos de soja, e claro na carne de animais que foram alimentados com rações transgénicas. A lei ainda não prevê a rotulagem de carne e produtos animais que foram alimentados com rações transgénicas. Mas visto que a maior parte da produção de transgénicos (soja e milho) são destinadas a rações animais o mais certo é que a cada vez que tomas um copo de leite de vaca ou comas um bife esse animal tenha sido alimentado com transgénicos.

E o que é a rede Colher Para Semear, e como é que será o próximo Encontro da Semente em Odemira?

A Colher para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais é uma associação que tem por objectivo recuperar a biodiversidade genética agrícola por meio da recolha, cultivo e catalogação das variedades tradicionais ainda existentes. Formar e incentivar os agricultores para a recolha anual das suas próprias sementes, assim como estimular a sua troca, assegurando-lhes uma independência e autonomia em termos de sementeiras. Contribuir para o conhecimento do nosso património vegetal, promovendo e participando em colóquios e feiras com exposição de sementes, levando o tema onde for necessário

Este ano o encontro anual da Colher para Semear vai ser em Odemira nos dias 29 e 30 de Setembro e terá lugar na biblioteca municipal de Odemira. O "Ao Encontro da Semente" tem por intenção reunir anualmente uma mostra do património agrícola e da grandeza da biodiversidade vegetal do nosso país. É o local apropriado ao encontro dos nossos hortelões, agricultores e todos aqueles que têm paixão pelo trabalho da terra, aí têm uma soberana oportunidade para mostrar, trocar e falar sobre as respectivas sementes.

O Encontro pretende também contribuir para a independência dos agricultores, através da sua participação em oficinas que ensinam a recolha de sementes de forma a completar o ciclo da cultura, em particular de variedades locais em perigo de desaparecimento, evitando-se assim a extinção da nossa herança agrícola. É também finalidade deste Encontro divulgar os resultados do levantamento antecipado do património vegetal cultivado, neste caso do concelho de Odemira. Esta recolha tem como propósito estimular a continuidade do uso destas variedades, tirando partido das suas características, nomeadamente, a rusticidade em termos de adaptação ao clima, solos e necessidades hídricas, assim como promover as qualidades gastronómicas junto das populações.

A tendência para a perda da biodiversidade agrícola pode ser diminuída, ou mesmo invertida, se tomarmos consciência da presente necessidade de preservar para as futuras gerações o que nos foi legado pelas anteriores.

contacto:
Colher Para Semear
Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Quinta do Olival, Aguda
3260 Figueiró dos Vinhos

José Miguel Fonseca - 236 622 218
Graça Ribeiro - 91 490 9334

A GUERRA E A INFORMAÇÃO

José couso: um crime de guerra

Nestes inícios do século XXI está cimentado definitivamente o binómio guerra e informação. Saber onde uma começa e a outra acaba torna-se cada vez mais um esforço permanente para quem deseja manter-se lúcido. Saber quem é o jornalista e o soldado é uma questão que poucos colocam. Quanto mais questionar quem são e porque mandam aqueles que ordenam a mentira, o medo, ou a tortura e o assassinato. Ou quem são aqueles soldados que matam aqueles jornalistas…

Pelo CCA Gonçalves Corrreia houve dois momentos em que quisemos mais do nunca contestar essa industria do medo que é a guerra e a manipulação da informação. Em ambas as conversas o espectro desse outro jornalismo indomável, na Tchechenia e no Iraque, pesou na medida exacta dos crimes de guerra que representam.

JOSE COUSO: UM CRIME DE GUERRA

Um dos momentos mais marcantes passados pelo Clube Aljustrelense, arriscávamo-nos a dizer, foi a conferência de Javier Couso, irmão do repórter de imagem José Couso (www.josecouso.info), acompanhado pelo companheiro Josep da campanha de Solidariedade com o Iraque de Espanha (www.iraqsolidaridad.org).

Passaram já mais de 4 anos, que o seu "irmão José foi assassinado a 8 de Abril de 2003 numa operação que a Terceira Divisão de Infantaria do Exército dos Estados Unidos, desenvolveu contra as sedes das cadeias de televisão Al Jazzera e Abu Dhabi, e contra o Hotel Palestina, onde estava alojada a imprensa internacional. O que quer dizer, contra a restante imprensa que o Pentágono não controlava em Bagdad."[1]. Desde então os familiares e amigos de Couso não baixaram os braços com vista para que ninguém esqueça que o "nosso irmão morreu em estranhas circunstâncias no Iraque, no que nós classificamos como um crime de guerra. Em primeiro lugar, queremos exigir aos Estados Unidos uma investigação independente, que ainda não realizou e, em segundo lugar, a colaboração com a justiça espanhola. Mas sobretudo, e o mais importante é que não se esqueça o que aconteceu ao meu irmão". [2]

Javier, após a projecção do documentário Hotel Palestina (da Tele5), expôs uma série de reflexões que não se limitaram somente ao assassinato do seu irmão, indo inevitavelmente mais além. Tal como referido num recente artigo "Sobre la guerra y la manipulación de la información"[3] Javier Couso alerta nas suas conferencias que tais "assassinatos e os ataques às televisões árabes, formam

parte de uma estratégia que tinha como finalidade o controlo da informação, dissuadindo os meios de comunicação não integrados (não controlados), o que contradiz o argumento errado, o acidente ou a própria defesa, defendidos pelo exército americano e que paradoxalmente existe uma contraposição entre os assassinos do seu irmão e os médicos iraquianos que tentaram salvar a vida de José: enquanto que os soldados americanos eram nossos aliados os iraquianos eram o inimigo, curiosa paródia....". A conclusão óbvia é nos apercebermos da "importância de contar com os meios de comunicação de massas na hora de definir o Inimigo contra o qual há que lutar. Um inimigo que não pode ter um rosto, que não pode ser uma criança, um idoso ou uma mulher."

Daí que a família de Couso grite bem alto que "já estamos fartos da "condescendência" mostrada por certas pessoas, perante os criminosos de guerra de origem americana, os quais não escandalizam a maioria da imprensa, como acontece quando se fala de criminosos nazis ou de origem sérvia, para dar unicamente dois exemplos. Para esta família, TODOS os criminosos de guerra são igualmente abomináveis e, independentemente da sua nacionalidade, devem ser perseguidos por toda a comunidade internacional"[4]. É por isso talvez relevante citar longamente "Estadísticas de la muerte cotidiana"[5] do próprio Javier Couso:

ESTATISTICAS DA MORTE QUOTIDIANA

"Hoje em dia temos um número permanente de vítimas que fazem parte duma estatística de mortes diárias. Apresentam-se num bombardeamento de números delineados para passar despercebidos através de uma repetição contínua e que acaba esterilizando as consciências. Uma das facetas desta política de ocultação é a falta de análise dos feitos que os motivam, acabando por parecer desagradáveis efeitos de uma epidemia e não o que são na realidade, vítimas ocasionadas pelas guerras, pela fome ou pelo subdesenvolvimento. O que se passa e o que acabam por conseguir é que nos pareçam produzidos por efeitos anormais da natureza, e não como expressão final e extrema de um sistema mundial de dominação. No final, somos vítimas de um furto da verdade camuflada num véu de normalidade, que reduz a vida a números que já não causam danos, ao ser inseridos na recontagem da sociedade da estatística." (...)

Segundo um estudo científico "terão morrido no Iraque entre Março de 2003 e Julho de 2006 como consequência directa da ocupação 654.965 pessoas, 600 por dia, 2,5% da população. E estes dados são ao fim e ao cabo números contidos pois supõem o valor médio de uma estimativa que podia chegar até ás 950.000 vítimas". Já num "Relatório sobre as mortes na Palestina realizado pela Organização de Direitos Humanos B'Tselem, pode-se ler que o exército israelita matou no ano de 2006, 683 palestinos."

Estes são apenas dois exemplos de registos da morte que devemos ler e transmitir sem esquecer que por detrás de cada cifra anónima e aparentemente irreal há uma vida.

Quando penso em José, penso em questões normais, acontecimentos quotidianos como sorrir, conversar, preparar um café, beber una cerveja, comentar um problema, discutir, estar de acordo, discordar, passear, festejar, falar ao telefone... acontecimentos vulgares que fazem que a vida seja vida, uma corrente que corre como um rio desde o nascimento até à morte. Estes são os detalhes que nos damos conta daqueles que desaparecem bruscamente; são, no final de tudo, a essência da existência.

E é o mesmo para os 654.965 sorrisos, conversas ou amores que se extinguiram no Iraque, para os 683 pequenos-almoços, festejos ou sussurros que já não estão na Palestina ou para as centenas de milhares de passeios, visitas, aflições, perdões ou gritos que já não verão mais amanheceres em qualquer lugar da terra

onde estes exércitos imperialistas actuam. Podíamos prosseguir relatando casos sucedidos por todos os cantos do mundo, mas quis centrar-me na área onde foi assassinado o meu irmão e pôr no papel aquilo que tanto a minha família como eu sentimos. O que se esconde por detrás desses algarismos. O que se oculta por detrás dessas decorações construídas com números.

Entender isto, saber que o nosso familiar foi assassinado no meio de uma das múltiplas agressões na zona, que os seus sorrisos, as suas palavras, os seus beijos ou os seus abraços são os mesmos que os de Hassam, Imán, Houmad ou Nawfal foi o que nos fez abandonar o luto chorado na intimidade da nossa casa, para sair a exigir justiça, não apenas para o nosso sorriso mas também para os dos demais. É assim, transpondo-nos para a realidade quotidiana, imaginando como seria suportar dia a dia com milhares de vizinhos ou familiares assassinados nas nossas cidades, como podemos romper com a lógica de quem quer números em vez de vidas, percentagens em vez de sorrisos e realidades modeladas para passar entre aspas perante este genocídio permanente."

[1] http://josecouso.info/article.php3?id_article=268
[2] http://josecouso.info/article.php3?id_article=289
[3] http://josecouso.info/article.php3?id_article=269
[4] http://josecouso.info/article.php3?id_article=282
[5] http://josecouso.info/article.php3?id_article=268"

TCHETCHÊNIA

Política do medo quotidiano e a indústria da violência

Durante este ano tem sido realizadas uma série de actividades de denúncia da guerra na Tchetchênia em Portugal e Espanha: conversas, debates, exibição de filmes e fotos relacionados a um dos conflitos mais intensos e silenciados na actualidade. Enquanto a invasão do Iraque e o genocídio de seu povo é televisionado e noticiado para o mundo, a guerra na Tchetchênia escapa aos documentaristas e aos jornalistas – mesmo porque as estratégias de terrorismo de Estado em curso na Rússia impossibilitam os poucos trabalhos e as poucas vozes dissonantes possíveis neste momento.

Dessa maneira procuramos alguns centros de cultura social para compartilhar as informações sobre a guerra na Tchetchênia – informações sintetizadas na publicação "Terrorismo de Estado na Rússia: a guerra na Tchetchênia nos descaminhos da indústria da violência", organizada a partir da Ação Literária pela Autodeterminação dos Povos, e que resultou de longas pesquisas, acções e vivências na Rússia com movimentos anti-militaristas e activistas ligados à defesa dos direitos humanos na Tchetchênia. Os frutos desses encontros (Sevilha, Málaga, Porto, Aljustrel, Lisboa…) não colheremos neste momento, até porque o tema da guerra na Tchetchênia foi abordado sempre de maneira ampla. Procuramos estimular outras temáticas, trocar materiais e publicações diversas, dinamizar os espaços de luta social e semear futuras acções e intervenções.

Ação Literária pela Autodeterminação dos Povos
http://www.chechenialivre.blogspot.com/

HIERARQUIA... E ANARQUIA

Ressuscitando o anarquismo como uma abordagem pessoal à vida.

Pára de pensar o anarquismo como mais uma "ordem mundial", mais um sistema social. Do ponto onde todos nós nos encontramos, neste mundo extremamente dominado, extremamente controlado, é impossível imaginar viver sem quaisquer autoridades, sem leis ou governos. Não admira que o anarquismo não seja normalmente levado a sério como um programa político ou social de larga escala: ninguém consegue imaginar como é que isso seria, mais ainda como alcançá-lo – nem mesmo os anarquistas eles mesmos.

Em vez disso, pensa o anarquismo como uma orientação individual para ti mesmo e para os outros, como uma abordagem pessoal à vida. Isso não é impossível de imaginar. Concebe-o nesses termos, como é o que o anarquismo seria? Seria uma decisão entre pensares por ti mesmo em vez de deixares de seguires os outros cegamente. Seria uma rejeição da hierarquia, uma recusa em aceitar essa "abençoada" autoridade de qualquer nação, lei ou outra força como sendo mais significativa que a tua própria autoridade sobre tu mesmo. Seria uma desconfiança instintiva sobre aqueles que clamam ter alguma espécie de posição ou estatuto sobre os outros à sua volta, e uma falta de vontade em reclamares para ti tais estatutos sobre os demais. Mais do que tudo, seria uma recusa em colocar a responsabilidade de ti mesmo nas mãos de outros: seria a exigência de que cada um de nós seria capaz de escolher o seu próprio destino. E fazê-lo efectivamente.

De acordo com esta definição, existem muito mais anarquistas do que parece, apesar de que muitos possam não se referir a si mesmos como tal. Para uma grande parte das pessoas, quando pensam nisso, quando querem ter o direito a viver as suas próprias vidas, em pensar e agir como acham que deve ser. Pois grande parte das pessoas confiam mais em si mesmas para saber o que fazer do que confiam em qualquer autoridade que lhes dite como agir. Quase toda a gente se sente frustrada quando se dá conta de ir contra esse poder sem rosto e impessoal.

Tu não queres estar à mercê de governos, burocracias, polícia, ou outras forças exteriores, pois não? Certamente que não deixas que te ditem a tua vida por inteiro. Não fazes o que queres, aquilo em que acreditas, pelos menos quando tens uma hipótese em o fazer? Na nossa vida diária, somos todos anarquistas. Sempre que tomamos decisões por nós mesmos, sem-

pre que assumimos a responsabilidade pelos nossos actos em vez de os deferir a algum poder superior, estamos a pôr o anarquismo em prática.

Então se somos todos anarquistas por natureza, porque que acabamos sempre aceitando o domínio de outros, e mesmo criando forças para governar sobre nós? Não preferirias antes perceber como coexistir com os teus semelhante seres humanos, trabalhando directamente entre todos, em vez de depender de algum conjunto exterior de regras?Lembra-te, o sistema que eles aceitam é aquele no qual tu tens de viver: se queres a tua liberdade, não te podes dar ao luxo de não estar preocupado com o facto daqueles que estão à tua volta exigirem ou não o controlo sobre as suas vidas.

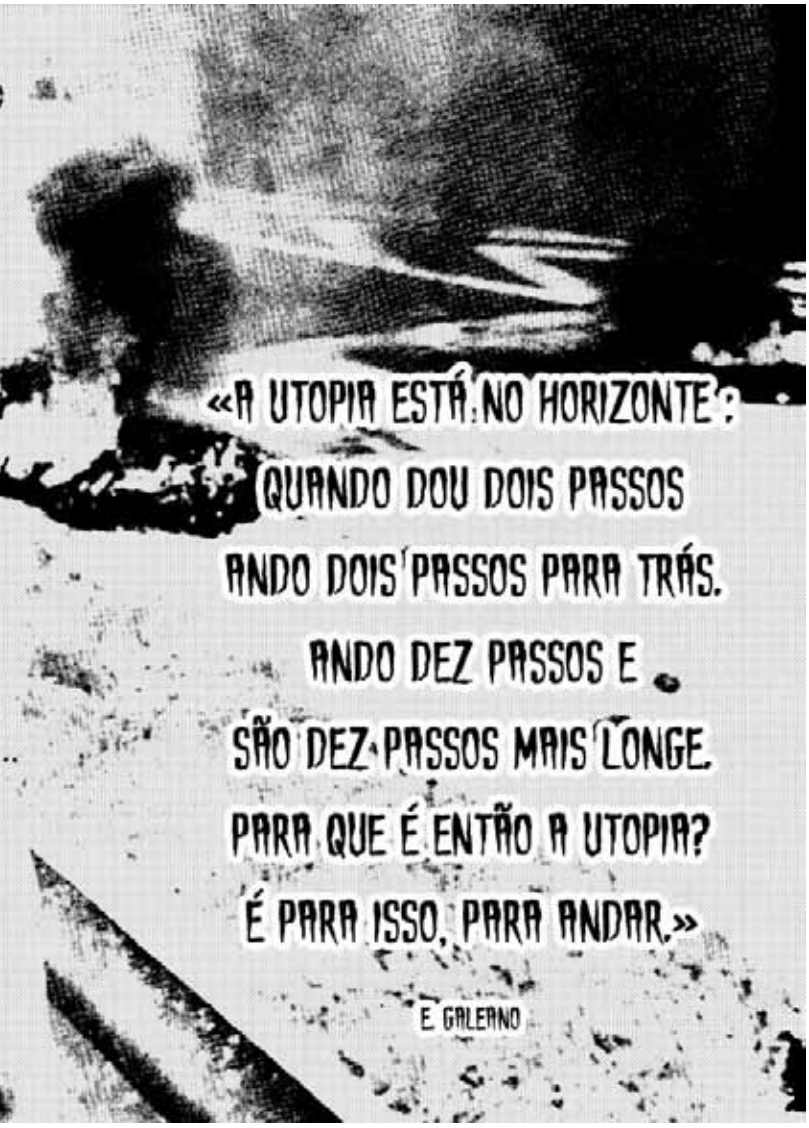
Será que precisamos mesmo de líderes para nos comandar e nos controlar?

No Ocidente, desde há séculos, que nos vendem o poder estatal centralizado e a hierarquia em geral sob a premissa de o que aceitamos. Todos fomos ensinados que sem polícia, nos mataríamos uns aos outros; que sem patrões, nenhum trabalho seria alguma vez feito; de quem sem governos, a civilização em si mesmo cairia em pedaços. Será isso tudo verdade?

Certamente que é verdade que hoje em dia pouco trabalho é feito quando o chefe não está a olhar, o caos sucede-se quando os governos caem, e a violência às vezes ocorre quando a polícia não está por perto. Mas serão estas verdadeiras indicações de que não existe nenhum outro caminho pelo qual possamos organizar a sociedade?

Não será antes possível que os trabalhadores não façam nada a não ser que estejam sobre vigilância, porque estão habituados a não fazer nada sem que sejam espicaçados – e mais do que isso, porque se ressentem em serem inspeccionados, instruídos e condescendentes pelos seus patrões, pelo que não querem fazer mais nada por eles, senão aquilo que tem que fazer? Talvez se eles estivessem a trabalhar em conjunto para um objectivo comum, em vez de estarem a ser pagos para dar ordens, ou para objectivos dos quais não tiveram nada a dizer e que não lhes interessam muito, eles fossem mais pró activos. Isto sem dizer que qualquer um está preparado ou capaz de fazer tal coisa hoje em dia. Mas a nossa preguiça é condicionada em vez de ser natural, e num ambiente diferente, talvez nos apercebessemos de que as pessoas não precisam de chefes para que as coisas se façam.

E quanto à polícia ser necessária para manter a paz: nós nem discutiremos aqui as formas pelas quais o papel das "forças da lei" faz despontar os aspectos mais brutais nos seres humanos, e de como a brutalidade policial não contribui exactamente para a



paz. E quanto aos efeitos nos civis vivendo num estado protegido pela policia? Uma vez não sendo a polícia uma manifestação directa dos desejos da comunidade que servem (e isso acontece rapidamente, sempre que uma força policial se estabelece torna-se uma força externa ao resto da sociedade, uma autoridade exterior), são antes uma força agindo coercivamente sobre as pessoas nessa sociedade. A violência não é apenas limitada aos danos físicos: qualquer relação que se estabelece pela força, tal como essa entre polícia e civis é uma relação violenta. Quando agem sobre ti violentamente, aprendes a agir violentamente de volta. Não será possível, então, que a ameaça implícita da polícia em cada esquina da rua – da quase omnipresença dos representantes uniformizados e impessoais do poder estatal – contribua para a tensão e a violência, em vez de a dissipar? E se isso não te parece possível e és um branco da classe média, pergunta a um indivíduo pobre, preto ou cigano, o que é que a presença da polícia lhes faz sentir...

Quando as formas chave da interacção humano andam todas à volta do poder hierárquico, quando o relacionamento humano tantas vezes se reduz a dar e a receber ordens (no trabalho, na escola, na família, nos tribunais), como é que podemos esperar em não ter nenhuma violência no nosso sistema? As pessoas estão habituadas a usar da violência umas contra as outras no seu dia-a-dia, pela força do poder autoritário; e como tal, é claro que o uso da força física não poderá ser algo fora a tal sistema. Talvez se estivéssemos mais habituados a tratar-nos uns aos outros como iguais, em criar relacionamentos baseados numa preocupação mútua pelas necessidades dos outros, não assistiríamos a tantas pessoas a recorrer à violência física entre si.

E quanto ao controlo governamental? Sem ele, cairia a nossa sociedade e as nossas vidas com ela?

Certamente, as coisas seriam bem diferentes sem os governos perante o que existe actualmente – mas é isso necessariamente uma coisa má? É a nossa sociedade moderna realmente o melhor de todos os mundos possíveis? Valerá a pena depositarmos em chefes e governantes tanto controlo sobre as nossas vidas, pelo receio de tentar algo diferente?

Além disso, não podemos afirmar que precisamos do controlo governamental para prevenir morticínios em massa, porque são os governos que tem perpetuado os maiores massacres de sempre: em guerras, em holocaustos, na escravatura e extinção de povos e culturas inteiras. E pode ser que quando os governos tombam, muitas pessoas percam as suas vidas no consequente caos e lutas civis. Mas estas lutas são quase sempre entre outros grupos e hierarquias

sedentas de poder, outros pretendentes a governantes e dirigentes. Se fossemos antes rejeitar a hierarquia absolutamente e nos recusássemos a servir a qualquer força acima de nós mesmos, então não haveria mais nenhumas guerras em grande escala ou holocaustos. Isso seria uma responsabilidade que cada um de nós teria que assumir em igualdade, de forma a recusar colectivamente qualquer poder que valesse a pena servir, e jurar fidelidade a nada senão a nós próprios e aos nossos semelhantes seres humanos. Se todos se dispusessem a isso, nunca mais veríamos uma guerra mundial de novo.

Claro que mesmo se um mundo inteiro sem hierarquia seja possível, nós não devemos ter quaisquer ilusões de que qualquer um de nós viva para o ver. Isso nem deve ser algo que nos diga respeito: porque é imbecil organizares a tua vida em torno de algo de que nunca serás capaz de viver. Devemos, pelo contrário, reconhecer os padrões de submissão e dominação nas nossas vidas e, com o máximo das nossas capacidades, libertar-nos deles. Devemos colocar o ideal anarquista (sem amos, sem escravos) na prática no nosso dia-a-dia sempre que possamos. Sempre que um de nós se lembre de não aceitar a autoridade dos poderes instituídos sobre determinados valores, cada vez que um de nós consiga escapar ao sistema de domínio por um momento que seja (seja por livrar-se de algo proibido por um professor ou patrão, seja relacionar-se por igual com alguém de um diferente estrato social, etc.) isso é uma vitória para o indivíduo e um golpe contra a hierarquia.

Ainda achas que uma sociedade livre de hierarquias é impossível? Existem um sem número de exemplos ao longo da história da humanidade: os povos do deserto do Kalahari ainda vivem entre si sem autoridades, nunca se forçando ou comandando entre si para realizar as coisas, mas trabalhando em conjunto e garantindo uns aos outros a sua liberdade e autonomia. É claro, que a sua sociedade está sendo destruída por uma sociedade bélica que nos é mais semelhante – mas isso não quer dizer que uma sociedade igualitária não possa existir sendo extremamente hostil e defendendo-se contra o assédio do poder exterior! William Burroughs escreveu em *Cities of the Red Nigth* sobre essa resistência de piratas anarquistas há uns séculos atrás que foi precisamente isso.

Se precisas de um exemplo mais quotidiano, recorda-te da última vez que te reuniste com os teus amigos para relaxares numa sexta-feira à noite. Alguns trouxeram comida, outros a diversão e outros outras coisas mais, mas ninguém tomou nota de quem devia o quê a quem. Fizeste as coisas em grupo e assim se divertiram. As coisas aconteceram efectivamente, sem que ninguém fosse forçado a nada, e ninguém assumisse a posição de chefe. Nós dispomos destes momentos de interacção não capitalista, não coerciva, não hierárquica constantemente nas nossas vidas, e esse é o tempo em que mais apreciamos a companhia dos outros, quando desfrutamos o máximo de cada um de nós; mas por algum motivo não nos ocorre exigir que a sociedade funcione desse modo, assim como as nossas amizades e as nossas relações amorosas. É óbvio, que se trata de um objectivo grandioso em pedir que assim seja – mas arrisquemo-nos a alcançar objectivos mais elevados, não nos fiquemos de uma vez por todas senão pelo melhor para as nossas vidas! Cada um de nós tem apenas uns poucos anos neste planeta para apreciar a vida, pelo que trabalhemos juntos por isso, em vez de lutarmos uns contra os outros por prémios tão miseráveis como seja o estatuto ou o poder.

Retirado de "Days of War, Nights of Love. Crimethink for Beginners", 2001 CrimethInc Collective (USA)

25 DE ABRIL

Dias da liberdade em 2007...

As coisas estão a mudar? À medida que o tradicional desfile dos Cravos terminava este ano em Lisboa, para espanto de muitos (?) já não ao som do Grândola mas ao som nacionalista do hino português, deu-se início à resposta de centenas de pessoas numa manifestação contra o Fascismo e o Capitalismo. Centenas fartos da treta nacionalista e da teia que o capitalismo dela tece, a mesma que nos encerra todos os dias num mar de propaganda nos jornais, nas televisões, nas conversas de café e à mesa do jantar… Foi a partir desse dia-a-dia sufocante que Anarquistas e Anti-Autoritários apelaram com sucesso à participação activa, e de uma forma não partidária, a todas as pessoas num acto de resistência ao fascismo e ao capitalismo.
A brutal repressão policial que se lhe seguiu nesse "Dia da Liberdade" deixa claro a todos de que essa resistência não é nem será nunca a tarefa de qualquer polícia ou politiquices, pelas suas afinidades e cumplicidades. Tal como os bastões, as mentiras e as montagens policiais, o silêncio auto-imposto dos jornalistas, o silencio e embaraço da quase totalidade das esquerdas de Abril que sucederam os acontecimentos demonstraram de uma vez por todas que:

A actuação policial foi premeditada e destinada a instalar o medo, em passar a ideia do papão anarquista, do vândalo, e que cabe às pessoas "cívicas" desviar-se e deixar a polícia fazer o seu trabalho face a esses "bandos de criminosos"…
Que existem relações evidentes entre elementos da PSP e da extrema-direita. Se já o denunciava o facto do armamento que levou detenção de elementos do PNR por xenofobia e tráfico de armas, ser roubado do arsenal de Lisboa da PSP, agora é evidente como a policia se substitui aos nazis na protecção dos seus interesses (ou ao cartaz do marquês) ou na caça ao preto ou ao anti-fascista pelas ruas de Lisboa…
A comunicação social não só está completamente domesticada, como é ela mesma quem faz a cama ao fascismo. Cabe-lhe a ela, por outro lado, o papel principal do discurso terrorista a todo aquele que, uma vez esclarecido que a resposta deve ser popular e não pelos remendos judiciais, actua fora dos rótulos e das condutas dirigidas: se levanta e grita basta!
Que o silêncio das pessoas, e da esquerda de cravo na lapela em particular, aos acontecimentos, é silêncio de morte. Pacto de quem não quer ver, pacto de quem prefere esquecer vergonhosamente as suas próprias nódoas negras, a

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o quotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso
Mas não se esqueçam de que
o abuso é sempre a regra.
"Rua do Carmo, rua do Carmo
Mulheres bonitas, subindo o Chiado
Mulheres alheias, presas ás montras,
Alguns aleijados em hora de ponta
Soprando a vida, passam estudantes
Gingando as ancas, lábios ardentes
Subindo com pressa, abrindo passagem
Chocamos de frente, seguimos viagem"

…Relatos em cravadonocarmo.wordpress.com

troco do discurso populista onde não tem lugar os incontroláveis… os sem-partido, os sem-nome. Consentem paternalmente na criminalização da dissidência anti-capitalista, como se isso fosse crime, assim como designar alguém de «anarquista ou libertário»...Hoje consentem na sua repressão, e amanhã na de quem mais?
Que Salazar é de novo a Floribela deprimente que se segue neste grande reality show português. Aí está uma vez mais o fascismo como a grande tábua de salvação e necessidade dos governos em tempos de crise social, alimentando-a como desculpa à sua democracia. O fermento de que é feito o bolo da festa parlamentar… olhem para o lado, por favor!!

Terá a manifestação anti-fascista e anti-capitalista de 25 de Abril acertado no alvo?

A resposta poderá estar nas entrelinhas dos sempre operacionais agentes da ordem pública que selvaticamente espancaram quem na sua espontaneidade aí se encontrava em protesto, e do mesmo modo o transeunte ou turista que por lá andava. Do Estado partiu a violência cega, a mesma que agora querem atribuir e culpabilizar a quem indiscriminadamente deitaram a mão.
Já chega de apaziguar qualquer tipo de agressão por parte daqueles que na rua, com ou sem uniforme, com ou sem espectáculo televisivo, fazem o trabalho sujo que os capitalistas em gabinetes não querem fazer com as suas próprias mãos. Quem financia tais grupos fascistas? Não são quem os chama sempre que é preciso instalar o medo e a insegurança os mesmos que controlam a economia e os poderes? Por quanto mais tempo semearão a divisão, a desconfiança, a miséria e nos manterão presos nos nossos medos, divididos nas nossas lutas e "condenados" à derrota…
…os dias não estão para a inércia.

Mais em http://cravadonocarmo.wordpress.com e http://pt.indymedia.org/

TE-ATRITO

Em frente pelas portas das traseiras

Durante este ano o grupo de teatro algarvio te-Atrito presta homenagem a Jacques Prévert. Das palavras às imagens, Prévert (1900-1977) nunca se desviou do olhar incómodo de quem viveu ao longo do séc. XX desalinhado, inconformado. Rita Neves encenou, interpretando Leonor Macedo e Pedro Monteiro e musicando Igor Martins, a simplicidade e a força em palco nascidas a partir de um conjunto que vai de histórias para crianças a outros textos unidos pelo olhar mordaz ao autoritarismo e às guerras. Todas ecoam esse grito primordial de Viva a Liberdade. Como houve ocasião em Aljustrel de o sentir, o te-Atrito oferece-nos o espectáculo "Em frente pelas portas das traseiras" a partir dos textos "Cavalo numa Ilha"; "A Avestruz"; "Um Drama na Corte"; "Palavras e Músicas: O Refractário"; "Secção de Objectos Perdidos" e "Le Discours sur la Paix".

«Encenar Prévert é ir direito ao assunto. E o assunto está lá, claríssimo, tão claro que ao fim de cada ensaio mais claro se vai tornando ainda. Não são pequenas cenas, são sínteses. Só o essencial do essencial chamado pelas letras todas. E aí está a dificuldade. Não podemos, honestamente encenar Prévert escondendo-nos ou dispersando-nos. Só mesmo sendo distintos podemos tentar animar o que Prévert já dizia em tempo doutras guerras tão clarinhas como as guerras do nosso tempo. Só não vê quem não quer.
Te-atrito, 2006»

Contacto: te-Atrito Rua Baptista Lopes 25 A 8000 Faro / te.atrito@gmail.com / 919388345/964188964

ACÇÃO DIRECTA

A partir de Silves os transgénicos deixaram de ser um estranho palavrão. Após tantas campanhas, debates e difusão de informação, um só acto catapultou o tema como nunca antes visto em Portugal. Numa fria equação dos factos ninguém poderá negar daqui em diante o alcance da acção directa. Por isso detemo-nos aqui um pouco acerca desse facto, desse acto. A "acção directa" na verdade sempre significou em todo o tipo de lutas, activismos e movimentos o ponto de viragem, os impulsos decisivos e inevitavelmente o separar das águas.

Ponto um. Desde logo, terá a acção de Silves resultado num acto falhado à discussão e debate dos transgénicos neste nosso quintal à beira mar plantado? Ponto dois. Porque se sobrepuseram tão rapidamente ao debate dos transgénicos, os clamores contra o uso da acção directa e o atentado à propriedade privada (as razões desse alargado nervoso miudinho e histeria adulta). Ponto três. Para onde vai daqui em diante o discurso ecológico e, aí temos, a acção praticada nesse âmbito.

Quanto ao ponto um, o cenário é de tal modo evidente que ninguém se atreve seriamente a contrariar o que o pisotear do milho alcançou. Sobre o ponto seguinte reside a qualidade desse debate. Nele interfere o sempre periclitante jogo da mediatização ao qual este tipo de acção directa se lança. Depreende-se mesmo que o apelidado verde eufémia se deixou surpreender pela ferocidade da reacção mediática e partidária na avidez de apimentar o verão político, por no fundo ter partido para a acção tão bucolicamente (à semelhança do infeliz baptismo do nome) como dele quis sair. Daí que passamos ao último ponto, de que ecologia afinal estamos a falar.

A destruição na Herdade da Lameira foi justificada uma vez "esgotadas todas as medidas políticas e judiciais na tentativa de defender os direitos de bem-estar, sociais e ambientais dos cidadãos, o que levou a considerarmos como única restante opção a aplicação de estratégias que vão para além das fronteiras legais. Estratégias de desobediência civil tornaram-se uma ferramenta necessária para produzir mudanças adequadas". O que basicamente significa a percepção (tardia) de que não são declarações de organismos públicos como a Junta Metropolitana do Algarve, clamando a região como a primeira zona livre de transgénicos em Portugal que impedem qualquer iniciativa privada. E aí eis o cerne da questão. Entre os bens privados e os bens públicos, eis a Propriedade acima de qualquer interesse comum e colectivo de todos nós.

A saúde pública, a biodiversidade ou sustentabilidade ambiental e agrícola de nada valem contra a livre rédea na maximização do lucro

seja do zé das couves ou da multinacional americana. E o tema dos transgénicos aponta como mais nenhum outro de que a causa verdadeiramente ecológica não se fica pelo paternalismo da espécie em vias de extinção, mas é inquestionavelmente uma causa que ataca o capitalismo e que não pode esperar sentada para que os seus sustentáculos – pelo estado e pela propriedade – lhe ditem como actuar e até onde pode ir.

Ecologistas-de-um-minuto-verde como a Quercus estão certos ainda em afirmar que a acção directa de Silves não é demonstrativa do movimento ambientalista português, mas para estes ou para outras flores de estufa politizadas em Bloco, a acção serviu para lhes mostrar de uma vez por todas que de um lado estão eles (agora finalmente ao lado daqueles que em nome da lei temem de novo as ocupações selvagens de outros tempos) e do outro estarão aqueles que recusam abrandar o passo, conformar e esvaziar a ecologia à sua crescente institucionalização e mercantilização.

O relógio esse – o do planeta – está a contar. E nunca como noutros tempos da humanidade este nos alertou que é preciso agir, é preciso Acção Directa.

O anarquismo e as lutas sociais no Alentejo

Gonçalves Correia

A revolução é minha namorada

António Gonçalves Correia (1886 – 1967) responde por si só às razões de ser deste novo projecto libertário no Alentejo. Tomar-lhe o nome para um Centro de Cultura Anarquista dinamizado a partir de Aljustrel, reclama a sua herança e recorda a urgência dos apelos de que fazia eco desde há um século para cá, enquanto percorria como caixeiro viajante as vilas do Baixo Alentejo. Não o chegamos a conhecer. Mas a sua força surpreendeu-nos enquanto a memória anarquista mais viva (e calorosa) que viemos a encontrar à nossa volta em diversas gerações que lhe tomaram o pulso. Julgo que hoje recordam, para lá da sua proeminente figura viva de revolucionário, essa força, essa dignidade humanista e anti autoritária, que lhe emanava na difusão do ideal anarquista. Quando uma nova geração, neste novo século, trava de novo encontro com Gonçalves Correia numa nova aventura anarquista, sabemos em diante de que o seu nome não figurará apenas nas estantes académicas a ganhar pó.

A vida de Gonçalves Correia cruza-se na primeira metade do século XX com o emancipar das ideias anarquista, com as lutas anarco-sindicalistas das minas de Aljustrel, São Domingos ou Lousal, com as lutas dos camponeses do Alto ao Baixo Alentejo e com os vários grupos e jornais anarquistas de Portalegre e Évora, a Odemira ou Cercal do Alentejo, etc. Colaborador de vários jornais como A Batalha, A Aurora, O Rebelde, em 1916 funda o semanário A Questão Social na vila de Cuba. Um ano depois publica o opúsculo. Estreia de um crente, tendo ainda vindo a publicar outra obra «A Felicidade de todos os Seres na Sociedade Futura» (1ª ed.1923).

Sobre os princípios de vida de Gonçalves Correia, a sua biografia chama a atenção para que quem hoje olhe para os «tópicos da cultura libertária de há 100 anos, não deixará de se surpreender com a actualidade de muitas das propostas. Com efeito, grande número dos princípios que enformam a nossa modernidade – a liberdade, a emancipação da mulher, a defesa do amor livre, a ecologia, o respeito pelos animais, o naturismo, certos estilos alternativos de vida – mergulham as suas raízes na velha moral anarquista»[1].

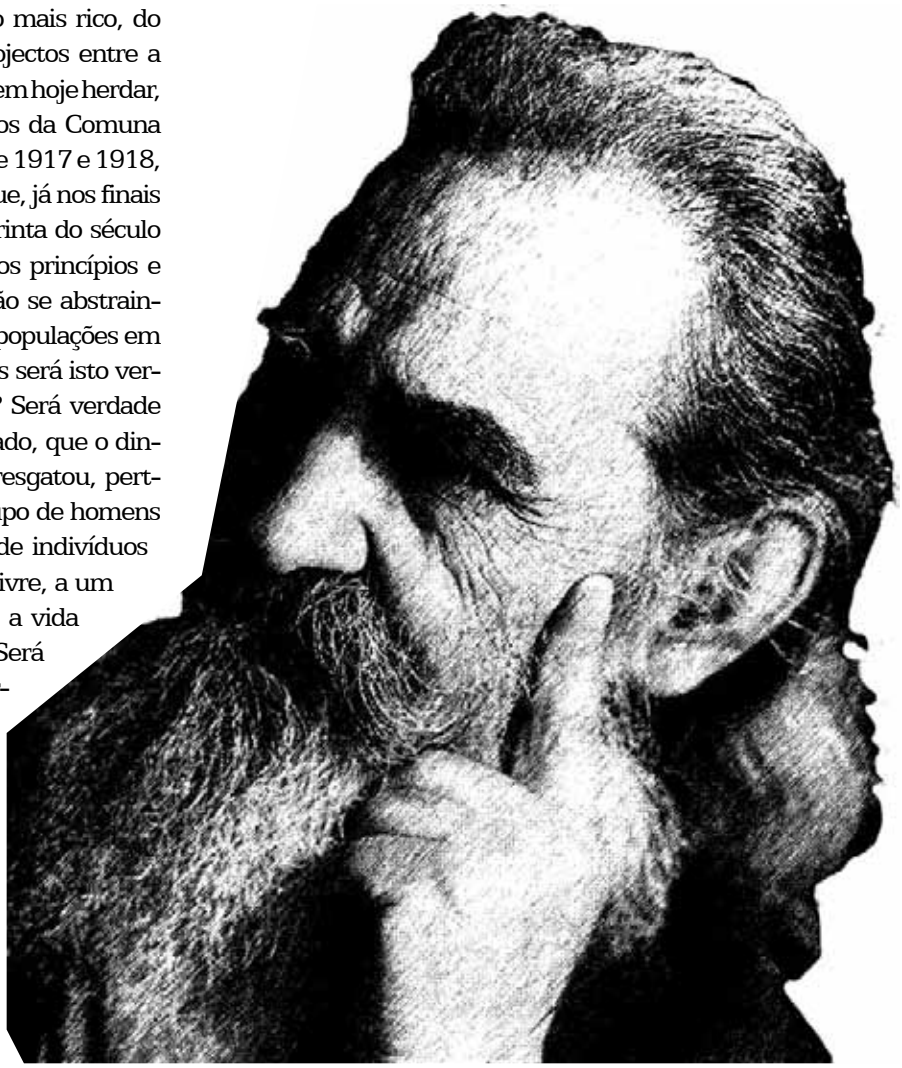
Gonçalves Correia, vegetariano e tolstoiano, preconizou, como refere J.M. Carvalho Ferreira, um tipo de anarquismo naturista e pacifista, numa época em que predominavam as teorias e as práticas do anarco-comunismo e do anarco-sindicalismo. Hoje, certamente bem mais do que o seu posicionamento essencialmente moral, alicerçado na transformação do indivíduo através da bondade e da fraternidade, a vivência deste natural de São Marcos da Atabueira (Castro Verde) é para nós de grande actualidade ao firmar essencialmente dois aspectos principais. Por um lado a afirmação e o alcance da acção individual e dos compromissos que lhe cabem por inteiro à margem dos rebanhos e das massas políticas e amestrados; e por fim a urgência em observar as lutas sociais em estreita relação com as questões do nosso planeta,

como um todo. Este último aspecto "ambiental" tornou-se assim tão-somente referido num lugar comum, mas a verdade é que em Gonçalves Correia a desconstrução desse discurso de hoje tão politicamente correcto, emergia e aprofundava-se já no discurso anarquista dos inícios do séc. XX em Portugal[2] e é hoje o discurso da primeira linha dos anarquistas do séc. XXI perante o avanço avassalador da Máquina sobre a vida humana, animal e do planeta terra.

Nesse sentido o seu testemunho mais rico, do qual cada vez mais opções e projectos entre a serra e a planície alentejana parecem hoje herdar, residiu nos projectos comunitários da Comuna da Luz, em Vale de Santiago, entre 1917 e 1918, e a Comuna Clarão, em Albarraque, já nos finais da década de vinte e inícios de trinta do século XX. O pôr em prática a utopia, os princípios e práticas do anarco-naturismo, não se abstraindo da ligação destas comunas às populações em redor, surpreende o próprio: «Mas será isto verdade? Não estarei eu sonhando? Será verdade que este pedaço de terreno sagrado, que o dinheiro da solidariedade humana resgatou, pertence de hoje em diante a um grupo de homens que são irmãos, a umas dúzias de indivíduos que querem ser livres na Terra Livre, a um punhado de seres que detestam a vida irracional das grandes cidades? Será verdade que morreu aqui a árvore maldita da propriedade privada? Será verdade que estes 3 quilómetros benditos vão ser explorados em benefício comum? Será verdade que aqui vai ser a divina cidade da Luz e que além, daqui a 3 mil e tal metros, é a terra das trevas, o sítio do vício, a estrada do crime?»[3].

Reprimida policialmente após a revolta dos trabalhadores rurais do Vale de Santiago durante a crise de 1918, no alargado surto grevista dos trabalhadores rurais alentejanos, a comunidade foi desmantelada e o próprio Gonçalves Correia preso. Mal sai da prisão reacende a chama na Comuna Clarão em Albarraque, prosseguindo um ideal de vida alternativo, albergando depois de 1926 e até à sua dissolução, a resistência e os perseguidos da ditadura.

Por fim, por outros caminhos prosseguirá António Gonçalves Correia, para ainda hoje ser recordado como o homem que comprava pássaros para depois os soltar na praça pública, no meio de vivas à Liberdade.



[1] FRANCO, Alberto (2000): "A revolução é a minha namorada - Memórias de António Gonçalves Correia, anarquista alentejano", ed. Câmara Municipal de Castro Verde; Destaque ainda para "No Paraíso Real: tradição, revolta e utopia no Sul de Portugal" (CD), ed. O Canto do Som, 2000.

[2] "Naturismo e comunismo: uma aliança sagrada" foi o título da comunicação apresentada por Gonçalves Correia no 1.º Congresso Vegetariano Naturista da Península, realizado em Lisboa em Junho de 1919.

[3] ROCHA, Francisco Canais, e LABAREDAS, Maria Rosalina (1982): "Os trabalhadores rurais do Alentejo e o sidonismo: ocupação de terras no Vale de Santiago", Lisboa, Edições Um de Outubro: pp. 168-69

A nossa vingança é sermos felizes